

«POBREZA» E «CARIDADE» NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO: O OLHAR (TEOLÓGICO) E A AÇÃO (SOCIAL) DE PADRE AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR

LUÍS LEAL

CEHR-UCP (CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA)
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA)

lleal@porto.ucp.pt

RESUMO: O presente estudo, que retoma e aprofunda uma comunicação com o mesmo título apresentada no Seminário Permanente «Representações dos Pobres: espiritualidade, estética, sociologia», promovido pelo Grupo «Sociabilidades, Práticas e Formas de Sentimento Religioso» do CITCEM-UP, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tem, na sua génese e estruturação, dois objetivos fundamentais e deste modo formuláveis: em primeiro lugar, concretizar uma tentativa de sistematização da reflexão em torno dos conceitos de «Pobreza» e «Caridade» protagonizada por Padre Américo Monteiro de Aguiar, sublinhando, desde logo, a íntima correlação existente entre tal exercício e aquele que se constitui, ainda hoje, como o legado e faceta mais conhecida do Autor em questão: a dimensão social do seu projeto, v. g. a «Obra da Rua – Casa do Gaiato». Em segundo lugar, e a partir de uma análise mais pormenorizada de tais conceitos e da formulação que sobre eles o Autor deixa transparecer, mostrar a «(não-)inscrição» (vd. José Gil) de tal conceptualização no quadro de outros universos de debate seus coetâneos. Deste modo, e em suma, tentar-se-á relevar não só a validade (e necessidade) de um permanente aprofundamento do estudo e análise contextualizada destas questões mas também e de modo particular da importância e o (des)enquadramento da proposta conceptual (e da ação social a ela correspondente) do Autor aqui eleito na contemporaneidade em que o seu pensar e agir se enxertam.

PALAVRAS-CHAVE: Pobreza; Caridade; pensamento social cristão; Padre Américo Monteiro de Aguiar; século XX.

ABSTRACT: This study, which resumes and deepens a communication with the same title presented at the Permanent Seminar «Representations of the Poor: spirituality, aesthetics, sociology», promoted by the Group Societies, Practices and Forms of Religious Sentiment of CITCEM – University of Porto, has, in its genesis and structure, two fundamental and thus formulable objectives: first, to concretize an attempt to systematize the reflection around the concepts of «Poverty» and

«Charity» carried out by Father Américo Monteiro de Aguiar, emphasizing, first of all, the intimate correlation between this exercise and that which is still today the most famous legacy and facet of the Author in question: the social dimension of his project, the «Obra da Rua - Casa do Gaiato». Second, from a more detailed analysis of such concepts and the formulation that the author reveals about them, show the «(non)» inscription (see José Gil) of such a conceptualization in the context of other universes of their peers. In this way, it will be tried to highlight not only the validity (and necessity) of a permanent deepening of the study and contextualized analysis of these issues, but also in a particular way of the importance and the (dis) framing of the conceptual proposal and of the corresponding social action) of the Author elected here in the contemporaneity in which his thinking and acting are grafted.

KEY-WORDS: Poverty; Charity; Christian social thought; Father Américo Monteiro de Aguiar; XXth century.

1. Padre Américo Monteiro de Aguiar: da Obra ao legado

Dizer Américo Monteiro de Aguiar, «Padre Américo» ou «Pai Américo» constitui forma tríplice de evocação daquele padre natural de Galegos (Penafiel), nascido em 1897 e falecido em 1956 no Hospital de Santo António (Porto), que dedicou toda a sua vida ao serviço dos pobres das cidades de Coimbra, Porto e Lisboa da primeira metade do século XX. Com efeito, a sua ação em prol dos mais desfavorecidos e esquecidos da sociedade do seu tempo marcou de forma tão exemplar e inaudita a sociedade portuguesa que quer a História da Igreja e da Assistência em Portugal quer a memória de muitos que com ele privaram ou se cruzaram nalgum dos «becos» da existência humana daquele tempo continuam a recordar a sua figura como a do «*Apóstolo dos tugúrios*»¹, do «evangelista dos pobres»². Tais epítetos são em grande parte justificados pela força, arrojo e dinamismo da sua personalidade, mas igualmente pela dimensão e originalidade da obra social que ousou sonhar, soube projetar e conseguiu construir, e que ainda hoje permanece: a «*Obra da Rua – Casa do Gaiato*». E, à imagem do seu fundador, também esta é expressão que encerra por sua vez uma multiplicidade de valências caritativo-assistenciais cujo mérito e atualidade

¹ Assim se lhe referiu D. António Ferreira Gomes, nas Exéquias que assinalaram o 30º dia do seu falecimento, na Igreja da Trindade (Porto). Cfr. Jornal *Novidades*, «Por alma do Pe Américo. Foram, ontem, celebradas exéquias no Porto [...]», *Novidades*, Ano LXXI, n.º 19955 de 18 de Agosto (1956), p. 5 *apud* MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo. Uma Vida Cheia De Espiritualidade*. «Estudos N. S.», n.º 6 (2006), p. 280.

² SIMÕES, Manuel - *O Padre Américo, Evangelista dos Pobres*. «Brotéria», 126, n.º 2 (1988), p. 201.

poucos se atrevem a questionar³.

Contudo, e apesar de ser esta a dimensão mais «palpável» (e mais conhecida) do seu legado, dever-se-á, no entanto, ter presente que este não se esgota nesta sua «obra social». Com efeito, desde muito cedo (ainda em tempos de Seminarista em Coimbra) que Américo Monteiro de Aguiar começou a desenvolver e a dar notas de ser possuidor de particulares capacidades de escrita, vertendo para artigos (semelhantes ora a crónicas ora a breves «ensaios») a sua visão e compreensão do mundo, as suas preocupações, os seus projetos e os seus anseios. A testemunhar tal despertar estão os seus trabalhos publicados na Revista *Lume Novo*, do Seminário de Coimbra, recentemente coligidos e disponibilizados, de forma minimamente organizada, ao grande público por Henrique Manuel Pereira (*Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*. Coimbra: Tenacitas-Alforria, 2015). Posteriormente, e já como «Padre da Rua», torna-se colunista semanal n' *O Correio de Coimbra*, a partir do ano de 1932, assinando uma coluna primeiramente intitulada «Sopa dos Pobres» e depois «Obra da Rua», mudança que exprime a evolução dos contextos e horizontes da sua ação. Já na década de 40, começa igualmente a participar com regularidade no semanário *A Ordem*, da diocese do Porto, e, a 5 de março de 1944, funda o jornal quinzenal *O Gaiato* que, de acordo com as suas palavras, «passou a ser a porta aberta pela qual os de longe foram entrando e vendo e conhecendo e amando» a Obra da Rua.

Os milhares de artigos da sua autoria foram sendo compilados, antes e depois da sua morte, em 17 volumes que constituem, ainda hoje, uma das principais «fontes» para o conhecimento do seu pensamento. Assim, os seus títulos correspondem, *grosso modo*, aos títulos da coluna de jornal onde os textos haviam sido originalmente publicados: *Cantinho dos Rapazes*, *Correspondência dos Leitores*, *De como eu fui...*, *Doutrina* (3 volumes), *Isto é a Casa do Gaiato* (2 volumes), *Notas da Quinzena*, *O Barredo*, *Obra da Rua*, *Ovo de Colombo*, *Pão dos Pobres* (4 volumes), e *Viagens*.

Uma análise aprofundada do conteúdo de cada um destes volumes permitirá identificar o *leitmotiv* essencial que por todos eles perpassa, um *leitmotiv* que, não obstante a multiplicidade temática e contextual dos textos que os constitui, acaba por relevar o horizonte hermenêutico basilar à compreensão do «pensamento» através deles vertido. Neste sentido, o essencial a reter a este respeito é

³ Sobre a história, identidade e projeto da «Obra da Rua – Casa do Gaiato» ver: AGUIAR, Américo Monteiro de – *Obra da Rua* (5ª edição actualizada), Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 2012; SANTOS, Gil Moreira dos – *Padre Américo e a Obra da Rua*. Modo de Ler, 2008; *Estatutos Da Obra Da Rua*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1962; PEREIRA, Henrique Manuel – *Obra Da Rua (ou Obra Do Padre Américo)*. In *Dicionário De História Religiosa De Portugal*. Vol. 3. Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, p. 319–322.

constatação de que, quando nos abeiramos da obra escrita de Padre Américo, nos apercebemos estar diante de um pensamento/«modo de pensar» *estritamente* «teo-lógico», ou seja, em que é sob a «lógica de Deus» e do Evangelho que toda a realidade antropológica, social, cultural, religiosa e política é analisada, interpretada e «transformada». Não se trata, portanto, de um pensamento/autor estritamente «sistemático», onde a «conceitualização teórica» obedece a um qualquer esquema/plano prévio; Américo Monteiro de Aguiar transparece-nos antes como um padre-pensador-ator social cujo trabalho de reflexão e proposta de ação decorre do confronto e imediata análise dos problemas quotidianos com que teve que se deparar, na pluralidade das iniciativas em que foi protagonista. Tal circunstância permite, por um lado, reconhecer neste pensamento uma profundíssima historicidade (sem a qual não se compreenderiam certamente muitas das suas afirmações/referências), enquanto que, por outro lado, obriga a registar uma particular dificuldade de sistematização necessária ao seu melhor enquadramento no âmbito mais alargado da reflexão sua coetânea. Dito de outro modo: embora se reconheça em Padre Américo um «padre que pensa» a realidade do seu tempo (e dela nos deixa um pessoal e por vezes muito «plástico» e «impressivo» testemunho), a sua intenção, *da capo... al fine* é o de transformar a dita realidade, mormente no que nela identifica como deficitário, negativo, merecedor de uma outra atenção (e ação) por parte de todos os sujeitos sociais nela intervenientes e que nela têm especiais responsabilidades.

O desígnio do autor destas breves considerações poderá, conseqüentemente e em suma, ser formulado do seguinte modo: assumindo inteiramente esta dupla circunstância e as suas respetivas conseqüências, tentar apresentar um esboço de uma hermenêutica, tão possível quanto necessária, transversal e compaginada, de algumas das afirmações de Padre Américo acerca da problemática conceptual social e em torno da «Pobreza» e «Caridade», relevando, assim, a importância do seu contributo para a reflexão aqui em presença.

2. «Pobreza» e «Caridade» em Padre Américo: textos e intertextos

2.1. Pobreza

No que respeita ao termo «Pobreza», o primeiro e fundamental elemento a reter é que Padre Américo se recusa terminantemente a conceber uma qualquer reflexão em torno deste conceito (e dos problemas que nele se encerram) de uma forma «abstrata», *in vitro*, «desarraigada» do contexto (histórico, geográfico, sociológico, político, económico...) em que se tal reflexão ocorre: para ele, o termo «Pobreza» é referente, desde logo, àqueles que são os seus «sujeitos», quer

dizer, às suas «vítimas»: os pobres. Não deverá, portanto, ser motivo de surpresa o facto de, inquiridos os seus escritos, não se encontrar neles uma «definição acabada» deste termo (nem tão-pouco a citação ou referência, em maior ou menor grau de exaustividade, a um qualquer enunciado proposto por outro autor). O que aí encontramos é a afirmação, tão taxativa quanto programática, segundo a qual, neste tipo de abordagens, «Temos de atender muito mais à qualidade do Pobre do que à extensão da sua pobreza»⁴. Ou, dito de outro modo, «Primeiro que tudo, compreender quem é o Pobre e quem somos nós. Esse conhecimento só no-lo pode dar a Humildade, no clarão da Caridade»⁵. Estes enunciados exigem que a discussão acerca destes conceitos não se poderá distanciar da sua vertente e concretização histórico-social: o problema da definição e compreensão do fenómeno da «Pobreza» é, para Padre Américo, um problema «da pessoa pobre» e da sua «condição existencial», um problema ético, portanto. Adotando esta perspetiva de forte pendor personalista, o Autor alerta e exige, desde logo, uma abordagem «integrada» e «concreta» do problema em causa, que não se esgote num mero exercício de teorização. Tendo este quadro analítico presente, melhor e mais corretamente serão entendidas as suas afirmações, nomeadamente à questão da «extensão da pobreza» atrás referida:

*Ora eu tenho aqui uma estatística de Fevereiro do ano de 1946 a falar das crianças sem abrigo e de outras abrigadas, sim, mas órfãs de pais. Contam-se por milhões, as da primeira categoria! Alemanha: oito milhões. Itália: três milhões... — e tudo assim. A estatística diz algarismos. Que diga o resto o teu coração, se és capaz de amar. Crianças que não brincam! Crianças à procura do sorriso da mãe! Eis a amargura. Crianças a pedir e a roubar. Eis a desgraça!*⁶.

Com efeito, aqui se vislumbra uma das consequências do «olhar (teológico)» sobre a realidade a que o título deste trabalho remete: a reflexão de que é protagonista, acerca de todo e qualquer conceito e/ou problema, enxerta-se sempre numa profundíssima inspiração (e assumida tentativa de concretização) do essencial do Evangelho cristão: a «Incarnação», a *kenosis*, a «assunção da horizontalidade» da dignidade humana, assente, neste quadro, na «verticalidade radical e original». A explanação conceptual operada por Padre Américo é assim

⁴ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 3 (4a ed). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1999, p. 52.

⁵ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 2 (5a ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1990, p. 26.

⁶ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Notas da Quinzena* (1a ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1986, p. 163.

e sempre expressão e consequência da sua fé, como que a mostrar que uma e outra (fé e razão, intuição e reflexão) não poderão nem deverão ser nunca dissociadas. Por isso se poderá afirmar que os seus escritos são metaforicamente atravessados não tanto pelo «conceito» da «Pobreza» mas sim pelo «sangue» das «vidas» dos homens, mulheres e crianças pobres do seu tempo. Dos títulos que o Autor atribui aos seus escritos («Pão dos Pobres», «Barredo») ao lugar literalmente capital que tais vidas assumem nas suas reflexões, não nos restam dúvidas de que para o fundador da Obra da Rua os pobres estão, de facto, «em primeiro lugar»:

*Pobre com letra maiúscula, sentido absoluto que abrange a legião dos Famintos e dos Escorraçados, por amor de quem tenho feito sangue nos pés e desejaria dar todo o das veias para melhor os servir e mais perfeitamente os amar. [...] O Pobre é coisa tão santa, e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles; as experiências não se transmitem*⁷.

*Muita reverência para com os Pobres – essa Pobreza alta e verdadeira, homens grandes no sacrifício, na resignação, no sofrer*⁸.

Expressão particular deste peculiar enquadramento e compreensão do conceito-problema da «Pobreza» (e da multiplicidade das suas concretizações humanas e sociais) é o recurso deste nosso Autor a uma grande variedade de termos que, ora de forma substantiva, ora de forma adjetiva, nos permitem não só perceber melhor os contornos da sua compreensão como também o retrato social que através dela nos apresenta. Assim, para nos falar dos seus «pobre(s)», o Autor utiliza, como que em sinonímia, os termos «enfraquecidos»⁹, «Estropiados»¹⁰, «miseráveis»¹¹, «Oprimidos»¹², «pedintes»¹³, «Abandonado[s]»¹⁴, «Os Doentes.

⁷ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 1 (5a ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1986, p. XIII.

⁸ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 1. Ed. cit., p. 81.

⁹ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Viagens* (2a ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1973, p. 183–186.

¹⁰ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 3, Ed. cit., p. 86, 119, 125, 202.

¹¹ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 2. Ed. cit., p. 133–135.

¹² AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 2. Ed. cit., p. 40.

¹³ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Doutrina*. Vol. 1 (2a edição aumentada). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1974, p. 98.

¹⁴ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Doutrina*. Vol. 1. Ed. cit., p. 175; AGUIAR, Américo Monteiro de – *Normas de Vida dos Padres da Rua*. Paço de Sousa: Casa do Gaiato/Obra da Rua, 2006, p. 18, 22, 41.

Os Envergonhados. Os Paralíticos. Os Revoltados»¹⁵, mas também as «vítimas inocentes»¹⁶, os «Raros»¹⁷, os «Irmãos caídos»¹⁸, os «Irmãos indigentes»¹⁹, o «Lixo das Ruas»²⁰, «Lixo social»²¹. Assim, da mesma forma que a cada um destes termos coincidirá uma particular expressão (e respetiva compreensão) da identidade e «fisionomia» dos sujeitos pobres seus coetâneos, assim também uma hermenêutica compaginada de todos eles permitirá, por sua vez, uma compreensão mais densa mas certamente mais objetiva da realidade – sempre poliédrica – dos ditos sujeitos.

Já no que concerne à «Pobreza», Padre Américo recorre não só a alguns termos dela sinónimos, tais como «miséria»²² (também grafada com maiúscula²³ e adjetivada como «negra»²⁴, «social»²⁵, «moral»²⁶, «humana»²⁷) e «penúria»²⁸, como a mesma «Pobreza» aparece, por sua vez, adjetivada de «espantosa»²⁹, «heroica e dolorosa»³⁰, «santa»³¹ e «imaculada»³², ao ponto de, quando vivida e

¹⁵ AGUIAR, Américo Monteiro de - *O Barredo. Lugar de mártires, de heróis, de santos*. (2ª edição). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1974, p. 304.

¹⁶ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Notas da Quinzena*. Ed. cit., p. 17.

¹⁷ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 2 (1a ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1977, p. 201.

¹⁸ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 3. Ed. cit., p. 3-98; AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 3 (1a ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1980, p. 166.

¹⁹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 1. Ed. cit., p. 99.

²⁰ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 4. Ed. cit., p. 316, 330; AGUIAR, Américo Monteiro de - *Obra da Rua*. Ed. cit., p. 173, 248.

²¹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 4. Ed. cit., p. 317.

²² Um outro caso em que tal distinção é sublinhada ocorre aquando da clarificação do que ele entende por «espírito de pobreza», num texto assim mesmo intitulado. Leia-se: «Para irmos já direitinhos às coisas, convém elucidar que por «pobres em espírito» devemos compreender os homens que, não tendo fortuna, também a não desejam; ou que possuindo, não são possuídos dela; ou ainda os que, sendo de facto pobres, não se queixam do seu estado. Daqui se conclui, desde já, que pobreza e miséria não são do mesmo sangue. Nunca o amor à pobreza gerou miséria em ninguém - nunca. O amor das riquezas - sim». - AGUIAR, Américo António de - *Notas da Quinzena*. Ed. cit., p. 75. Assim se comprova a necessidade, atrás referida, de atender ao contexto próximo («intra-texto») da aplicação dos conceitos aqui em análise para uma correta interpretação dos mesmos.

²³ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 2. Ed. cit., p. 51, 56; AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 4. Ed. cit., p. 265; AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 2. Ed. cit., p. 12.

²⁴ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 2. Ed. cit., p. 145, 293.

²⁵ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 1. Ed. cit., p. 41; AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 2. Ed. cit., p. 28; AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 4. Ed. cit., p. 295.

²⁶ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 2. Ed. cit., p. 131.

²⁷ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 2. Ed. cit., p. 223.

²⁸ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 1. Ed. cit., p. 43; AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 2. Ed. cit., p. 130, 142; AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 3. Ed. cit., p. 81; AGUIAR, Américo Monteiro de - *O Barredo. Lugar de mártires, de heróis, de santos*. Ed. cit., p. 43. 113. 157. 159; AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 2. Ed. cit., p. 30.

²⁹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 3. Ed. cit., p. 92.

³⁰ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Do fundamento da Obra da Rua e do teor dos seus obreiros* [Opúsculo]. Paço de Sousa: Imp. Oficinas e Gráficas da Casa do Gaiato, 1950, p. 3.

³¹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 3. Ed. cit., p. 13.

³² AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 1. Ed. cit., p. 13.

assumida em favor dos pobres, é mesmo «gloriosa»³³ e «altíssima»³⁴, ao mesmo tempo que, quando é «envergonhada»³⁵, é a «Pobreza que mais faz doer»³⁶. Percebe-se, portanto, um esforço – resultante do ethos fundamental do Autor aqui em análise – por apresentar, a respeito deste conceito-problema, não apenas um retrato fiel, realista e completo das suas concretizações (e até da forma como estas são percebidas naquele período) mas também a inscrição de uma outra perspectiva, bíblicamente sustentada, assente na valorização positiva de alguns dos aspetos a ela inerentes.

Por outro lado, a terminologia utilizada e o tipo de análise aqui encetada permitem igualmente identificar nos escritos de Américo Monteiro de Aguiar alguns ecos dos debates coetâneos sobre tais problemas e a sua resolução. Um caso é a questão da distinção, fortemente sublinhada por Padre Américo, entre os termos «Miséria» e «Pobreza»:

*Para irmos já direitinhos às coisas, convém elucidar que por «pobres em espírito» devemos compreender os homens que, não tendo fortuna, também a não desejam; ou que possuindo, não são possuídos dela; ou ainda os que, sendo de facto pobres, não se queixam do seu estado. Daqui se conclui, desde já, que pobreza e miséria não são do mesmo sangue. Nunca o amor à pobreza gerou miséria em ninguém - nunca. O amor das riquezas - sim*³⁷.

Concluindo este primeiro passo analítico, e registando a multiplicidade lexical aqui evidenciada, somos como que forçados a reconhecer e aceitar esta «indefinição original» a respeito dos conceitos em causa, uma indefinição que nos sugere não tanto uma «limitação» ao rigor conceptual desejado, mas antes proporciona um espaço e um horizonte hermenêuticos muito vasto de aprofundamento das múltiplas orientações e contextos nos quais os termos são abordados e utilizados por este Autor. De facto, devemos ter sempre presente que não foi nunca sua preocupação fixar num conceito estrito nenhuma das realidades (e) problemáticas com as quais teve que lidar; a sua reflexão – e ação – é mais própria de quem analisa os problemas por um outro prisma: o prisma

³³ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres*. Vol. 2. Ed. cit. p. 116.

³⁴ AGUIAR, Américo Monteiro de – *De como eu fui...* (4ª ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1987, p. 39.63.170.

³⁵ AGUIAR, Américo Monteiro de – *O Barredo. Lugar de mártires, de heróis, de santos*. Ed. cit., p. 97; AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres*. Vol. 1. Ed. cit., p. 88; AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres*. Vol. 3. Ed. cit., p. 48.

³⁶ AGUIAR, Américo Monteiro de – *De como eu fui...* (4ª ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1987, p. 57.

³⁷ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Notas Da Quinzena* (1a ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1986, p. 75.

de alguém para quem

*Os pobres são um sinal de que alguma coisa não funciona bem nas estruturas sociais; são sinal de que o bem comum não está a ser possível de alcançar. A presença dos pobres é uma interrogação inquietante para todos os sistemas económicos e políticos. Os pobres demonstram que há estruturas que geram a injustiça. O pobre é um sinal da própria presença interrogativa na sociedade [...]*³⁸

...pois o seu clamor por justiça³⁹ é eco daquela dilacerante pergunta feita por Deus a Caím: «Onde está o teu irmão Abel? [...] Que [lhe] fizeste?» (Gn 3, 9). Neste sentido, de acordo com as próprias palavras de Padre Américo, «O problema da repressão da Miséria e seus múltiplos derivados não se resolve com estatísticas nem orçamentos; não. Há-de ser obra de todos, dirigida por devotos e apaixonados»⁴⁰. No fundo, o Autor parece querer demonstrar que a «Pobreza», mais do que um «conceito» é um «problema» que só poderá ser compreendido e resolvido num horizonte que, mais do que «económico» ou sociológico» ou mesmo «político», é de ordem ética (e *a fortiori*, da responsabilidade de todos): mais do que um «problema abstrato» a que os «agentes sociais» devem dedicar especial atenção, a «Pobreza» e o que ela encerra constitui uma «exigência», um «imperativo» que a todos os sujeitos (individual e institucionalmente considerados) exige resposta, na medida das suas capacidades e responsabilidades. Aqui se divisa igualmente (e como sempre) o substrato bíblico-teológico fundamental à compreensão de todo o seu pensar: é a exemplaridade radical de Jesus Cristo (mormente na sua relação com os pobres, débeis, ostracizados, sofredores e esquecidos do seu tempo) que está na base do reconhecimento de tal imperativo. No fundo, é por Padre Américo ser capaz de ver (e propor que se veja sempre), na figura de todo o pobre, um *alter Christus* a quem é negada a sua radical dignidade (por via da impossibilidade de ver providas as «condições mínimas» do seu existir) que, na aparente limitação sistemática do seu pensar, nos brinda com um dos seus principais legados e testemunhos, manifestação da força, vitalidade e intemporalidade do seu pensamento.

³⁸ MAIA, José Martins – *Caridade e solidariedade social*. «Communio – Revista Internacional Católica», XI, nº 5 (1994), p. 432.

³⁹ Parafraseamos aqui o título de um muito interessante estudo sobre a mesma temática (relativa à compreensão teológico-cristã da pobreza e da riqueza): SANTABÁRBARA, Luís González-Carvajal - *El clamor de los excluidos. Reflexiones cristianas ineludibles sobre los ricos y los pobres*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2009.

⁴⁰ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 3. Ed. cit., p. 133.

2.2. Caridade

Considerando a densidade de tal substrato bíblico-teológico na reflexão proposta acerca da «Pobreza», a força e dinamismo desta cosmovisão torna-se-nos ainda mais evidente quando nos abeiramos da forma como Padre Américo entende e preconiza o seu «conceito» de «Caridade». Atente-se nesta breve seleção de textos reveladores, em nosso entender, do essencial a reter sobre este tema:

A Caridade é que vê tugúrios; a Caridade é que enxuga lágrimas; a Caridade é que mata a fome; a Caridade é que causa no coração do Pobre visitado o doce murmúrio do «ai que parece que também já foi Pobre, pelo bem que nos compreende e pelo muito que nos ama!»⁴¹.

A Caridade é a única força do mundo capaz de realizar obras humanas. Quando tudo parece estar ameaçado, ela surge do seio do Pai Celeste, viva, dominante, eficaz⁴².

Somente alcança misericórdia aquele que, por misericórdia, se compadece da sorte dos Irmãos pobres. Isto chama-se Caridade⁴³.

Os ricos, se quisessem, podiam, pela Caridade, conquistar o Céu em batalhas de flores, sem violência nem penitência - caminho dos pobres mortais. Quão fácil lhes não seria peregrinar na abundância, deixando cair migalhas no seio do próprio Cristo, escondido por detrás dos verdadeiros Pobres, a pedir do que é Seu para que o mérito seja todo de quem tem Misericórdia!⁴⁴.

A Caridade não discute formas de governo, nem administrações de dinheiro nem questões de assistência nem critérios dos homens; ela vai direita à ferida como o tiro ao alvo e trata de curar, silenciosamente.⁴⁵

Como facilmente se percebe, e tal como sucede a respeito da correlativa «Pobreza», é igualmente plurifacetado o retrato e o enquadramento dado à reflexão sobre o tema-conceito de «Caridade» proposto por Padre Américo. Não obstante, um primeiro e curioso elemento a sublinhar nesta sua proposta reside no facto de o Autor converter o (seu) conceito de «Caridade» num dos principais «critérios» para averiguar da validade das iniciativas assistenciais suas

⁴¹ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres*. Vol. 1. Ed. cit., p. 310.

⁴² AGUIAR, Américo Monteiro de – *Doutrina* (1a ed.). Vol. 2. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaíato, 1977, p. 206.

⁴³ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Doutrina*. Vol. 2. Ed. cit., p. 120.

⁴⁴ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres*. Vol. 1. Ed. cit, p. 129.

⁴⁵ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres*. Vol. 1. Ed. cit., p. 109.

coevas. Uma vez mais, é o seu *ethos* radical que, compaginando *necessariamente* «pensamento» e «ação», exige e implica uma compreensão profunda, integrada e conseqüente destas problemáticas. Por isso, reagindo frontalmente diante daqueles que apresent(av)am o óbice da «falta de meios» para a prossecução de projetos/iniciativas de resposta à Pobreza, Padre Américo defende que «Não é o dinheiro que falta no mundo. Ele há tanto que nem os próprios Bancos o querem receber! O que falta é mas é a Caridade nas almas»⁴⁶. Ciente da existência de uma certa «confusão», aos níveis conceptual e pragmático, em relação ao que signific(av) a «verdadeira Caridade» – e o que esta verdadeiramente implica(va) –, Padre Américo adotou sempre uma atitude tão clarificadora quanto assertiva:

*As Obras de caridade não dependem dos mortais, embora sejam realizadas por eles, para bem deles. O que importa é que os homens se não atravessem com a «caridadezinha» dos seus amores. Que ponham a mesa. Que abram as camas. Que não fechem as portas. Que chorem. Que não se busquem. Que não troquem a moeda forte, que é precisamente a criança que se apresenta, pela falta de verba, do orçamento, dos papéis*⁴⁷.

*Ele há umas certas comissões que ordinariamente se elegendem para estes e idênticos fins, compostas, em regra, por indivíduos hirtos e bem comidos, a quem nada falta, pouco se lhes dando que aos mais falte tudo. Cautela! O zelo destas comissões dificulta imenso e, por vezes, até inutiliza o esforço de quem procura trabalhar. Algarismos é que importa, sendo de muito pouca monta o bem dos naufragados. Cautela, meu senhor! Fuja delas a quatro pés, que eu tenho feito na mesma e nunca me arrependi. Falar deste modo acerca de comissões não é de maneira nenhuma derrotar, mas sim apontar defeitos de construção. Elas são um mal necessário; por isso mesmo importa fugir-lhes, se quisermos dar rego certo*⁴⁸.

Assim, enquanto profundo conhecedor da realidade social do seu tempo e, conseqüentemente, profundamente crítico das limitações das respostas sociais (estatais, corporativas, particulares, eclesiais...) aos problemas em torno da «Pobreza», é deveras abrangente (e por vezes lancinante) a sua análise:

Se a cama estivesse feita e aberta à espera da criança abandonada, tínhamos ali uma verdadeira «Casa de Caridade»; assim, temos a Caridade pintada na tabuleta da casa e não temos mais coisa nenhuma! São

⁴⁶ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Correspondência Dos Leitores* (1a ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaíato, 1988, p. 47.

⁴⁷ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Correspondência Dos Leitores*. Ed. cit, p. 64–65.

⁴⁸ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres*. Vol. 3. Ed. cit., p. 102.

*organismos vegetarianos. Não querem alimentar-se das realidades divinas. Não as compreendem. Não procuram vivê-las. Vegetam. Verba...? pois a verba é justamente a criança que tem o direito de ocupar a cama e sentar-se à mesa. Ela, a riqueza*⁴⁹.

*E agora, antes de acabar, para que me não chamem o poeta da miséria — como alguém disse — vamos a um bocadinho de doutrina social cristã. Prosa. Prosa sem rima. Ora, sendo certo que já temos as Comissões de Assistência: as distritais, as concelhias, as paroquiais; sendo assim na letra, quando é que vamos à prática? Sim. Afligir-mos. Abrir as janelas das nossas casas para estes Irmãos que passam. Ajudá-los. Subsídios prà frente, por meio das comissões com o mínimo de inquéritos. Os Pobres, esta classe de Pobres, tudo merecem e nós tudo lhes devemos*⁵⁰.

*A carta fala, ainda, de certas modalidades assistenciais, «verdadeira fachada, vazia de sentido e de eficácia, despida de caridade, a fazer assistência a metro ou ao quilo, aparato gelado de um funcionalismo insensível que atende doentes e pobres, velhos e crianças, como se atendem os contribuintes nas repartições públicas»*⁵¹.

Contudo, Américo Monteiro de Aguiar não se limita a descrever, com maior ou menor detalhe e maior ou menor grau de análise a realidade sua coetânea. Ciente de que os «relatórios/diagnósticos sociais» de pouco ou nada valem se não forem inspiradores e «motores de arranque» de uma mudança (radical) ao nível das práticas (sobretudo as que têm como protagonistas os sujeitos eclesiais, necessária e naturalmente mais próximos do seu âmbito de ação), é precisamente diante de um tal cenário que Padre Américo arrisca este (princípio de) solução:

*É a Caridade que valoriza; que transforma as almas e diminui a invasão da Rua — e a Caridade nasce e brota da Igreja. Obras da Igreja. Não obras à sombra da Igreja, com as camas feitas à espera do dinheirinho. Isso é uma desgraça. Obras aonde o Verbo se faça carne e sangue*⁵².

Em suma, e como que resumindo o essencial, para Padre Américo:

As Obras de Caridade são por natureza um assunto teológico. Não se pode fazer assistência sem este conceito. A base delas consta da existência e da presença de Deus na terra. O Mistério da Encarnação é a sua luz. A doutrina

⁴⁹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 1. Ed. cit. p. 135-136.

⁵⁰ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Notas Da Quinzena*. Ed. cit., p. 200-201.

⁵¹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Correspondência dos Leitores*. Ed. cit., p. 37.

⁵² AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 1. Ed. cit., p. 137.

*do Corpo Místico de Cristo fornece as normas. A Comunicação dos Santos, a cúpula. Tudo isto vem para dizer que só a Igreja. Só a Ela cabe a verdadeira assistência de irmão para irmão. A Mãe. A eterna enfermeira. Só Ela cura. O mais é mentira*⁵³.

Será necessário reconhecer que de modo a ser possível compreender todo o alcance destes trechos torna-se imperioso não só ter em conta o já antes referido «horizonte de compreensão» (bíblico-teológico) no qual Padre Américo se situa e aplica à hora de analisar todo e qualquer tema/problema, mas ter igualmente presente a própria evolução semântica do termo «Caridade», nomeadamente no que respeita à sua crescente distinção em relação a outros que lhe são próximos. Sabemos como desde muito cedo este conceito (depois de cristãmente traduzido) começa a trilhar um caminho de conceptualização distinto face a outros que, não raras vezes, são apresentados como seus sinónimos. É este, por exemplo, o caso dos conceitos de «solidariedade», «filantropia», «misericórdia» ou «beneficência», conceitos que, em bom rigor, «[...] se fundam numa identificação não sobrenatural pelo sofrimento alheio que, não tomando como ponto cardeal o amor de Deus aos Homens»⁵⁴. Como nota Isabel dos Guimarães Sá, sintetizando esta evolução concetual:

*Com o tempo, novos vocábulos vieram substituir a palavra 'caridade', justamente porque o ato de ajudar os outros passou a ser enquadrado por novas ideologias: beneficência e filantropia por todo o século XIX com o liberalismo, as lojas maçónicas e depois o republicanismo; novamente caridade ou assistência com o salazarismo, às mais recentes 'solidariedade', 'responsabilidade social' ou até 'desenvolvimento humano'*⁵⁵.

Neste contexto, e observando com mais pormenor a apresentação e articulação conceptual feita por Padre Américo, deparamo-nos com um pensamento onde os termos «beneficência» ou «solidariedade» nunca são identificados como sinónimos de «Caridade»⁵⁶, constatação que mostra eloquentemente não só o

⁵³ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 3. Ed. cit., p. 175.

⁵⁴ MONIZ, Jorge Botelho - *Uma proposta de renovação social: A caridade cristã como nova matriz civilizacional*. «PLURA - Revista de Estudos de Religião» Vol. 6, nº 1 (2015), p. 42, [em linha: <<http://dx.doi.org/10.18328/2179-0019/plura.v6n1p41-73>>]

⁵⁵ SÁ, Isabel dos Guimarães - *As idades da Misericórdia de Lisboa: velhos e novos pobres*. In *Visitação. O arquivo: memória e promessa*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2014, p. 149, [em linha: <<http://hdl.handle.net/1822/38075>>]. Para uma análise sintética sobre o conteúdo e significado destes mesmos conceitos (e outros afins) no século imediatamente anterior, e «utilizando-se pequenos textos da época», ver LOPES, Maria Antónia - *Proteção social em Portugal na Idade Moderna. Guia de estudo e de investigação*. Coimbra: Imprensa da Univ. de Coimbra, 2010, p. 30-33.

⁵⁶ «São agora manejados os conceitos de beneficência, benemerência e filantropia que procedem do amor aos

«ponto de partida hermenêutico» por ele assumido e defendido, como atesta a sua compreensão profunda e objetiva dos conceitos, da sua evolução e dos seus atuais significados.

Assim, e no que respeita à «beneficência», este é um termo utilizado por Padre Américo como sinónimo das obras que o mesmo conceito inspira e encerra⁵⁷, obras que são alvo de uma forte crítica, principalmente no que concerne à questão do seu financiamento:

A maior parte das obras de beneficência costuma viver da desmarcada solicitude do que se há-de comer e do que se há-de vestir amanhã, medindo o limite da sua acção benfazeja pelos rendimentos em cofre. Erro. O capital tem sua missão determinada; dentro das obras pias, ele é uma absoluta anomalia. As obras que vivem dos seus rendimentos, à maneira de qualquer burguês, estão naturalmente sujeitas às mesmas vicissitudes que eles passam: «vem a traça, vêm os ladrões»!⁵⁸

*Porque ruíram tantas sociedades de beneficência, tantas obras sociais e até algumas ordens religiosas? Porque lhes faltou a seiva divina que mantém a pujança da árvore da caridade e lhe permite dar frutos de vida eterna*⁵⁹.

Também relacionadas com a compreensão alargada do termo «beneficência», são igualmente dignas de registo as referências (em tom profundamente crítico) às «festas do suposto bem-fazer»⁶⁰, uma das marcas distintivas da «Caridade» da época⁶¹:

homens e não do amor a Deus».

⁵⁷ A única exceção é a referência que Américo Monteiro de Aguiar faz à «Beneficência Portuguesa», instituição assistencial existente em território brasileiro (que ele visitou e onde teve oportunidade de participar, entre 25 e 30 de julho de 1949, na «II Semana de Estudos do Problema de Menores» – cf. AGUIAR, Américo Monteiro de - «Carta do Brasil». O Gaiato, Ano VI, nº 143 (20 de Agosto de 1949), p. 2.) e que ele chega a considerar «uma doença no coração dos portugueses», alegrando-se com a sua proliferação em várias cidades brasileiras: «Rio, S. Paulo, Campinas, Santos; lá estão elas queridas e distinguidas e governadas com muito carinho». – AGUIAR, Américo Monteiro de - *Mais notícias do Brasil*. «O Gaiato», Ano VI, nº 143 (20 de Agosto de 1949), p. 3. Vide também, sobre o mesmo tema: AGUIAR, Américo Monteiro de - *Carta do Brasil*. «O Gaiato», Ano VI, nº 150 (20 de Novembro de 1949), p. 1–2.

⁵⁸ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*. Vol. 1. Ed. cit., p. 14.

⁵⁹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Aqui Lisboa*. «O Gaiato», Ano IX, nº 216 (7 de Junho de 1952), p. 2. Esta será, porventura, uma referência às Misericórdias e à difícil situação económico-financeira vivido por estas instituições, particularmente a partir de meados do séc. XIX e que, «depois de 1914-16 [...] se tornou alfitiva» (SÁ, Isabel dos Guimarães; ARAÚJO, Maria Antónia - *História Breve das Misericórdias Portuguesas (1498-2000)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 99) que as levou a serem «inventivas na angariação de receitas», imaginação que dá lugar a «novas formas de financiamento, como as subscrições logo em meados do século e, mais tarde, bailes, espectáculos, quermesses, saraus, exposições, etc». - SÁ, Isabel dos Guimarães; ARAÚJO, Maria Antónia - *História Breve das Misericórdias Portuguesas (1498-2000)*. Ed. cit., p. 92.

⁶⁰ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres. De como eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 4. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1984, p. 316-317.

⁶¹ «Face a situações de catástrofe, nomeadamente natural, a sociedade oitocentista europeia adquiriu o hábito de

Têm aparecido várias tentativas de solução ao magno e perigoso problema deste panorama social⁶². Um deles, o mais fácil, é assentar em que o nível de vida em Portugal é muito baixo — e deixá-lo baixo; ou então, como agora é uso em algumas terras, levantar a Criança pobre em jardins suspensos; e depois deixá-la cair para ficar mais magoada. Oh que grande mentira social! A segunda solução, que além de ser fácil é muitíssimo divertida, consiste em as senhoras, formadas em comissões, organizarem festas onde se come e bebe piedosamente a favor dos Párias (o cartaz diz pobres). A terceira, a mais prudente e a mais solene de todas, está em que certos senhores muito considerados, seriamente atrapalhados com a abundância de cabedais e com medo do Céu pardo, desatam a comprar à toa tudo quanto lhes aparece, por todo o preço, para salvar a vida aos seus ricos dinheiros. Insensato Mundo! Naufragar na abundância, em vez de nela, com ela e por ela, salvar os que perecem à míngua de pão!⁶³

Mais mil escudos deixados no Depósito, produto de uma quete silenciosa, feita entre professores e alunos de um liceu do Porto, a favor dos que precisam. Assim está certo. Assim gosto. Festas de beneficência, não. Os jornais deram a notícia de uma, a marcar o início da temporada em uma das nossas praias, aonde se reuniu, segundo os mesmos jornais, o que de melhor tem a sociedade. Era manhã fora, e ainda ali se divertiam a bem dos que precisam. Que a do feixe da lenha jamais venha a saber de tais divertimentos!⁶⁴

Quanto ao termo «solidariedade», julgamos ser sintomáticos quer a ausência de qualquer espécie de correlação conceptual com aquele que era o entendimento coetâneo do termo (marcado por uma visão unicamente *horizontal* e igualmente «laica», rejeitando qualquer referência sobrenatural, muito à imagem do ideal fraternal emanado da Revolução Francesa⁶⁵) quer o facto de ser este termo aqui utilizado para descrever uma atitude que, tendo como sujeitos os próprios

criar bolsas de auxílio financeiro às vítimas, fossem elas nacionais ou estrangeiras. Esta nova forma de assistência consistiu, quase invariavelmente, na realização de iniciativas suficientemente atractivas para gerar receitas. Quental refere alguns dos eventos mais frequentes: subscrições, concertos, bailes, bazares e quermesses, mas também representações teatrais, saraus, festivais e publicações especiais. Com afinidades sociais, profissionais, etárias, entre outras, os grupos formavam-se, com ou sem comissão promotora, e o roteiro das actividades, dos convidados, das atracções ia-se traçando. A publicidade na imprensa fazia o resto e as populações acorriam». PEREIRA, Maria da Conceição Meireles - *Caridade versus filantropia - sentimento e ideologia: a propósito dos Terramotos da Andaluzia (1885)*. In *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 832.

⁶² Padre Américo refere-se aqui, em particular, ao problema das crianças mendigas.

⁶³ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 3. Ed. cit., p. 159–161.

⁶⁴ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Do que nós necessitamos*. «O Gaiato», Ano V, nº 118 (17 de Setembro de 1948), p. 3.

⁶⁵ MENESES, Avelino de Freitas de - *Sobre História da Solidariedade*. «Arquipélago - História», 2a série, VII (2003), p. 307–11.

pobres, parece adquirir e revelar o seu pleroma: «Fiadores da riqueza das nações, esta gente nobre dá o sangue sem discutir; e do seu pouquinho, procura remediar quem nada tem»⁶⁶.

Tal exercício diferenciador visa, em nosso entender, como que contribuir para uma discussão (porventura inacabada) entre as múltiplas perspetivas que, à época como hoje, se enfrent(av)am quanto à compreensão de tais conceitos. Prova deste debate constituem, por um lado, alguma da documentação recolhida no Tomo II do volume IX da coleção *Portugaliae monumenta misericordiarum*⁶⁷, onde as noções de «Caridade», «assistência» e «filantropia» são alvo de intensa discussão (pelo menos) durante toda a primeira metade do século XX, nomeadamente nos sucessivos *Congressos das Misericórdias*. Atente-se, a este respeito, nas palavras de D. António de Castro Meireles, bispo coadjutor do Porto, no *II Congresso das Misericórdias* (19 Maio de 1929), nas quais apresenta uma interessante distinção entre a por si denominada «caridade remédio [que] brota espontânea do coração» e que «é uma necessidade porque temos sempre de contar com a contingência [sic] inevitável dos que não triunfam e têm a miséria à porta»⁶⁸ e a «caridade prevenção», assente na «instrução» e na «educação», algo que, na perspetiva do prelado, «Muitas misericórdias já o fazem, sustentando sanatórios, escolas, institutos para surdos-mudos, etc. E a Misericórdia do Porto tem um activo glorioso nesta missão da caridade preventiva»⁶⁹. Por seu lado, datadas de 1932, e no contexto já do III Congresso das Misericórdias, eis as palavras de monsenhor Gustavo Couto, «delegado da Misericórdia de Alegrete», apresentando o seu conceito de caridade. No seu entender, esta é

[...] a cadeia, que liga o homem a Deus, e os homens aos homens. Ela veio esclarecer o mistério da desigualdade [sic] das condições, e restabelecer o equilíbrio, que essa desigualdade alterara. Sem ela, a desigualdade creceria [sic] sempre; e os sentimentos naturais da humanidade seriam um fraco dique contra a sua torrente. Com ela conhece melhor o rico, que parte do que possui é propriedade do pobre; o pobre, que a providencia lhe não negou o que lhe falta, mas o depositou nas mãos liberais do rico, para mais os ligar

⁶⁶ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*. Vol. 3. Ed. cit. p. 248.

⁶⁷ PAIVA, José Pedro; FONTES, Paulo F. de Oliveira - *Portugaliae monumenta misericordiarum*. Vol. 9 (Tomo I): *Misericórdias e secularização num século turbulento: 1910-2000*. União das Misericórdias Portuguesas, 2010 [em linha: <<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/8631>>].

⁶⁸ PAIVA, José Pedro; FONTES, Paulo F. de Oliveira - *Portugaliae monumenta misericordiarum*. Vol. 9 (Tomo I): *Misericórdias e secularização num século turbulento: 1910-2000*. União das Misericórdias Portuguesas, 2010 [em linha: <<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/8631>>].

⁶⁹ PAIVA, José Pedro; FONTES, Paulo F. de Oliveira - *Portugaliae monumenta misericordiarum*. Vol. 9 (Tomo I): *Misericórdias e secularização num século turbulento: 1910-2000*. União das Misericórdias Portuguesas, 2010 [em linha: <<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/8631>>].

*entre si, e perpetuar essa indissolúvel ligação*⁷⁰.

Em 1958, a «1ª área temática a ser tratada no [IV] congresso [das Misericórdias] foi precisamente a ‘Inspiração espiritual e estrutura institucional’»⁷¹ das mesmas, um debate surgido como tentativa de resposta destas Instituições à situação gerada pelo Decreto-lei de 7 de Novembro de 1945 que, tendo alterado a sua natureza jurídica e imposto um «carácter canónico», «implicava a sua integração na esfera eclesiástica», sendo, por isso, «agora fácil à hierarquia católica reclamar a tutela»⁷².

Mas se o debate «institucional», «jurídico» e «inspiracional» em torno da identidade, missão e enquadramento das Misericórdias era sobremaneira vivo, não era menos a preocupação pela vida dos pobres, nas suas múltiplas formulações e contextos, que reclamava, também naquela época, a atenção de literatos, políticos, pensadores, poetas e artistas de diversa ordem. Poderíamos, neste contexto, citar os nomes e respetivos romances de Raúl Brandão (*O Pobre de pedir*, 1929), Alves Redol (*Gaibéus*, 1939), Soeiro Pereira Gomes (*Esteiros*, 1941), Manuel da Fonseca (*Cerromaior*, 1943), Assis Esperança (*Servidão*, 1946) os poemas de Fernando Pessoa (ortónimo: *Meu pobre Portugal* ou *Ela canta, pobre ceifeira* ou do heterónimo Bernardo Soares *Pobres diabos sempre com fome*, ou os quadros de Júlio Pomar (*Sem título*, 1945; *A refeição*, 1951; *Mulher do Mar*, 1956; *A peixeira*, 1957). Mas é um outro exemplo – e muito peculiar – que aqui nos atrevemos a citar, para exemplificar esta «abrangente sensibilidade» para a questão aqui em causa.

Referimo-nos à publicação intitulada «Felicidade Suprema. ‘Dar’», obra colectiva que nasce da iniciativa da «Comissão da Assistência aos Pobres do Porto» que, em 1937, convida um extenso rol de «Colaboradores literários e artísticos» a darem o seu contributo para esta obra de 251 páginas (a que se acrescentam vários desenhos, pinturas, fotografias, esquiços, pautas musicais...), numa tiragem de «[...] dois mil exemplares, que vendidos ao preço mínimo de vinte escudos, o seu produto reverterá por completo para os Pobres do Pôrto»⁷³. Sem podermos fazer aqui eco de todas as referências merecedoras da nossa análise, transcrevem-se apenas aquelas onde transparecem de forma mais evidente as preocupações transversais ao pensamento de Padre Américo e dos

⁷⁰ PAIVA, José Pedro; FONTES, Paulo F. de Oliveira - *Portugaliae monumenta misericordiarum*. Vol. 9 (Tomo I): *Misericórdias e secularização num século turbulento: 1910-2000*. Ed. cit., p. 420.

⁷¹ SÁ, Isabel dos Guimarães; ARAÚJO, Maria Antónia - *História Breve das Misericórdias Portuguesas (1498-2000)*. Ed. cit., p. 112.

⁷² SÁ, Isabel dos Guimarães; ARAÚJO, Maria Antónia - *História Breve das Misericórdias Portuguesas (1498-2000)*. Ed. cit., p. 108-9.

⁷³ AA VV. - *Felicidade Suprema. «Dar». Para os pobres do Pôrto*. Porto, 1937, p. [III].

demais atores sociais atrás citados. Assim, também ali se lê que

Na época que atravessamos de revalorização das energias nacionais, urge educar a juventude na Caridade. Não na Caridade simplesmente emotiva, que amolece e deprime, mas sim naquela que é renúncia, abnegação, sacrifício generoso, capaz de levar até ao heroísmo o amor de Deus e ao próximo. Esta Caridade, inteligente e operosa, será a única solução para o angustiante problema da assistência aos necessitados na nossa terra» [Henrique Leite Pereira de Paiva Távora e Cernache, 4º conde de Campo Belo]⁷⁴.

O problema da assistência privada (e a sua sempre difícil articulação com as exigências estatais) tem também ali eco⁷⁵, assim como a defesa de que a Assistência deve ser feita «com base na Caridade»:

As obras de assistência, longe de constituírem função exclusiva do Estado, como erradamente muitos pretendem, terão que assentar alicerces na Caridade. Ao Estado compete unicamente estimular, auxiliar, orientar e coordenar as iniciativas particulares [...]. Mas a Caridade, se existe em potencial em todas as almas, carece, por vezes, de ser estimulada para se revelar e, salvos casos excepcionais (autênticas aberrações) uma vez desperta logo frutifica. [...] De eras muito remotas e com infinitas provas de invariável e completa eficiência, vêm-nos o preceito de todos sabido, mas que muitos esquecem ou não praticam, embora mais que nunca se imponha a sua generalização: «Amar o próximo...»⁷⁶ [João Antunes Guimarães, «Católico conservador, de matriz republicana», ex-Ministro do Comércio e Comunicações nos Governos de Ivens Ferraz e Domingos de Oliveira (1929-1932)⁷⁷].

E o mesmo se diga quanto ao esforço de clarificação conceptual (por distinção) entre «Caridade» e «Solidariedade»:

[...] a solidariedade, filha da razão fria, que atira para o Estado tôdas as responsabilidades da assistência, todos sabemos o que vale e até onde pode chegar. Ainda não se encontrou uma máquina burocrática capaz de destilar o amor, o bálsamo para curar feridas. Este só a caridade o pode produzir,

⁷⁴ AA VV. – *Felicidade Suprema. «Dar». Para os pobres do Pôrto.* Ed. cit., p. 106.

⁷⁵ AA VV. – *Felicidade Suprema. «Dar». Para os pobres do Pôrto.* Ed. cit., p. 57.

⁷⁶ AA VV. – *Felicidade Suprema. «Dar». Para os pobres do Pôrto.* Ed. cit., p. 75.

⁷⁷http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnline/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/g/guimaraes_joao_antunes.pdf.

a velha caridade, a caridade do Padre Nosso, do Pai Comum, em que a sociedade é uma família, tôda de irmãos, inflamada pelo espírito que vem de Deus, em que ardem os corações sedentos de bemfazer. Se, portanto, o raciocínio lógico obriga à assistência e esta só pode ser cumprida quando atinja toda a extensão da caridade, que é a assistência pelo amor, temos a razão a ditar-nos o mesmo caminho que a prescreve e ilumina, baseada em fundamentos místicos⁷⁸ [Pe. Guimarães Dias].

Cremos bastarem estes exemplos (de muitos outros que poderiam aqui ser transcritos, com origem na mesma fonte) para mostrar o «debate aceso» (e pouco ou nada conclusivo) então em curso.

3. «Pobreza» assumida e «Caridade» em ato, ou o nexó inviolável entre «pensar» e «agir»

No princípio do século XX, em Coimbra, era o problema da pobreza infantil e suas conseqüências que mais suscitava medidas de política social e afetação de meios e recursos para enfrentar a questão da infância⁷⁹.

Atendendo ao ambiente político e socioeconómico em que viveu, o Pe Américo ultrapassou barreiras não previstas na lei, vencia peias burocráticas junto dos organismos públicos. A sua obra e doutrina social e educativa em prol dos pobres e das crianças da rua vencem obstáculos, levando os deputados da Assembleia Nacional a decidirem sobre algumas das suas iniciativas sociais. Como foi possível? Pela sua forma de ser e pelo carisma popular, constituindo-se na 'vox populum' dos pobres, dos sem abrigo, dos excluídos e abandonados da sua época⁸⁰.

Julgamos não só válido como fundamental sublinhar que é na dimensão «prática» de toda a reflexão levada a cabo por Padre Américo que radica o «dado novo» e paradigmático do seu legado: o facto de estarmos diante de alguém que não se limitou a conhecer, analisar e compreender a realidade do seu mundo, mas que, precisamente em virtude da análise conseguida (e dos princípios sob os quais sempre se orientou), imediata e correlativamente encetou todos os esforços de que dispôs para alterar, transformar, melhorar essa mesma realidade. A

⁷⁸ AA VV. - *Felicidade Suprema. «Dar». Para os pobres do Pôrto*. Ed. cit., p. 123.

⁷⁹ TOMÉ, Maria Rosa Ferreira Clemente de Moraes - *Justiça e Cidadania Infantil em Portugal (1820-1978) e a Tutoria de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012, p. 337. Tese de Doutoramento.

⁸⁰ MARTINS, Ernesto Candéias - *Amor, Meditação e Ação - Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*. Palimage, 2009, p. 48-49.

(suposta limitação resultante da) a-sistematicidade do seu pensamento encontra-se assim plenamente justificada pela premente historicidade do seu agir: toda a ação histórico-social de Américo Monteiro de Aguiar, legado plurifacetado que ainda hoje é comumente identificado com a sua «Obra (da Rua – Casa do Gaiato)» surge em sequência de uma profunda e aturada reflexão e compreensão do mundo «sob o olhar do Evangelho»; e tudo o que sobre esse mundo refletiu e nos deixou em legado (literário, teológico e/ou autobiográfico) é expressão «refletida» do agir que se lhe impôs concretizar. Dito de outro modo e de forma mais plástica: não se verifica, em Padre Américo, a tão habitual distância entre «cérebro e mãos» que não raras vezes caracteriza certas «formulações teóricas» sobre esta (ou outra) espécie de problemáticas. Como já anteriormente e de forma mais profunda e sistematizada se demonstrou⁸¹, o seu pensamento e a sua ação coexistem de forma tão íntima e numa relação de causalidade tão densa que não se aplica aqui o conhecido ditado espanhol: *Del dicho al hecho hay gran trecho*. Em suma, na fidelidade ao *leitmotiv* essencial praticado e proposto por Padre Américo, toda a reflexão sobre estes conceitos-problemas deverá partir de uma pr(agr)ática objetiva e minimamente consolidada, quer dizer, de uma prévia aproximação e conhecimento profundo das respetivas concretizações histórico-sociais e suas múltiplas dimensões. Simultaneamente, torna-se agora mais perceptível que também para este Autor não há possibilidade de formulação ou aplicação de um qualquer projeto de resolução prática daqueles problemas sem uma prévia reflexão minimamente sistemática das realidades que este visa transformar. E este parece-nos ser um desafio que nem teóricos nem pragmáticos poderão ignorar e que, em si, será razão bastante para melhor conhecermos tal «pensar» e seu conexo «agir». Por aqui passará certamente uma das melhores vias de reconhecimento do seu legado.

Artigo recebido em 01/03/2018

Artigo aceite para publicação em 20/07/2018

⁸¹ Ver LEAL, Luís Manuel da Cruz – *Padre Américo Monteiro de Aguiar: Um teólogo da ação no Portugal contemporâneo*. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Letras, 2017. Tese de Doutoramento em História [em linha: <<http://hdl.handle.net/10216/106168>>].